

Qual o futuro dos povos indígenas no Brasil?

Carlos Alberto Ricardo

O CIMI — Conselho Indigenista Missionário — órgão oficial da CNBB para assuntos de pastoral indigenista, distribuiu aos bispos durante a 19.ª Assembleia Geral realizada no mês passado em Itaiçi um importante quadro atual da população indígena no Brasil. Talvez esses dados espantem muita gente: ainda existem mais de 200 mil índios no Brasil?

Formulada dessa maneira a pergunta já inclui uma sinistra resposta para os cerca de 150 povos indígenas que vivem em várias regiões do país: eles estão irremediavelmente destinados a se acabar, de um jeito ou de outro, mais dia menos dia. Será mesmo assim?

A julgar pelas lições que aprendemos nos manuais escolares de história, o futuro dos índios estará cada vez mais nos museus, onde os heróis continuarão sendo os bandeirantes; em nomes de ruas e praças, os quais ninguém consegue explicar o significado; em alegorias carnavalescas quatro dias por ano ou no discurso hipócrita de alguma autoridade competente em busca das raízes de brasilidade. Diante da inevitabilidade das teses dessas cartilhas oficiais tudo que se tem a fazer, na melhor das hipóteses, é assistir provisoriamente essas populações, até que elas deixem de ser, integrando-se à nossa civilização.

Aliás essa é em tese a mola mestra de toda a política indigenista oficial no Brasil, desde longa data. Historicamente e ainda hoje a grande maioria das missões religiosas também trabalham com essa orientação: favorecer, aos poucos, que os índios integrem a geleia geral brasileira.

Na prática os índios não se integraram, historicamente. Sempre sujeitos a mecanismos compulsórios de expropriação de suas terras, de suas mulheres e de sua força de trabalho, povos e mais povos foram sendo extintos. Eram 230 em 1900, dos quais 83 não mais existiam no final dos anos 50. Acabando-se, na qualidade e na quantidade.

De repente, nos anos 70, a confirmação de que a população indígena estava crescendo. Comparando-se os dados publicados por Darcy Ribeiro para o ano de 1957 com os dados do CIMI para 1981, constata-se que nesses quase 25 anos a população indígena do país dobrou!



- ★ Afinal, ainda existem 200 mil índios no Brasil?
- ★ Qual é o lugar desses povos no futuro do País?
- ★ Como entender esse povo que muda, como tudo muda?
- ★ Como garantir que os interesses sejam respeitados?
- ★ São questões oportunas — e urgentes.

Devagar, não totalmente assim. Há ressalvas a fazer nos métodos de contagem utilizados pelos dois censos, no grau de conhecimento que se tinha de muitas áreas do interior do país há 25 anos, atrás, etc. etc. Com tudo isso descontado uma coisa é certa: a população indígena está crescendo — mesmo, em quantidade. Apesar disso a qualidade continua seriamente ameaçada: há vários povos, cada qual com sua língua e seu jeito de ser, que contam apenas, 50, 100, 200 indivíduos. Submetidos a condições de contatos forçados e discriminados, especialmente na área da Amazônia onde se instalam grandes empresas agropecuárias ou mineradoras quase sempre acompanhadas por estradas, hidroelétricas e levas de colonos, alguns desses povos não logram resistir.

Se é verdade que alguns povos indígenas estão indefesos, mesmo porque a FUNAI está irremediavelmente comprometida com o autoritarismo do Estado e com o crescimento econômico sob hegemonia do grande capital que esse Estado está a promover no interior do País, a grande maioria dos povos indígenas encontra suas maneiras de resistir.

A recente descoberta da "resistência indígena", cujos mecanismos ainda são muito pouco compreendidos mesmo por aqueles que a valorizam e a querem favorecer, tra-

duz um pouco da nossa perplexidade diante de um fato: povos indígenas estão aí para ficar. E mais: suas lutas apontam no sentido de uma recusa aos processos compulsórios de integração. Expressando-se numa linguagem que nem sempre conseguimos entender em lideranças indígenas e aqui e algumas vezes comunidades inteiras reclamam o direito fundamental de continuarem sendo eles mesmos, ainda que transformando-se.

Diante desses processos de reafirmação étnica que posição tomar, que iniciativas apoiar ou favorecer? Concretamente o que estão fazendo as quase 70 dioceses e prelazias que índios em suas circunscrições?

Muitas simplesmente ignoram os índios, tratando-os nos seus planos pastorais indistintamente entre os pobres e humilhados. Aos poucos, algumas estão acordando para as diferenças. Nas áreas francamente indígenas, onde ainda operam pesadas estruturas missionárias do tipo colonial, padres e freiras dedicam seus melhores anos em treinar jovens índios a serem como brancos.

Há dois anos atrás escutei atentamente o Pe. Jean Batiste Duroure, historiador salesiano e um dos fundadores da Missão entre os índios Bororo em Mato Grosso, me dizer: "nossa diferença básica com o trabalho do CIMI é que nós estamos interessados em promover o índio em torná-lo útil à sociedade e à civilização. Enquanto isso o CIMI insiste em querer que os índios continuem índios". E como eu continuasse atento, gravador ligado, ele me explicou pacientemente que os índios eram seres humanos dotados de muitas aptidões aproveitáveis para os ofícios da civilização. O progresso, as novas situações criada com o contato eram inevitáveis e exigiam dos índios condições para enfrentá-las. Necessitavam para isso de formação e ao longo de anos seus confrades haviam dedicado razoável quota de sacrifícios para implementar grandes obras, principalmente internatos para moldar desde cedo os futuros brasileiros de amanhã. Sequência natural, na busca da formação integral do homem, utilizaram desde cedo métodos de evangelização explícita. Difícil avaliar a sinceridade e das boas intenções desses desbravadores. Não se trata disso.

Mas o que fazer concretamente quando povos indígenas, mesmo tendo incorporado ao seu modo de vida hábitos de consumo, a necessidade de escola e de batismo, continuam reclamando o direito de seguir a seus modos? Qual o lugar desses povos no futuro do Brasil?

Equívoco oposto e igualmente grave a esse de embranquecer o corpo e a alma dos povos indígenas — infortúnio de tantas missões — é a visão conservadora dos índios, para a qual índio bom é só índio tradicional, conforme seus antigos costumes e tradições. Como abrir os ouvidos e escutar os interesses de povos que até poucos anos atrás se tinha na conta de desaparecer? Como entender o que querem esses índios que já não se comportam como antigamente, nesses tempos tão mudados? E ainda: como garantir cada vez mais que esses interesses sejam efetivamente respeitados? Parecem questões oportunas e urgentes, que tocam na qualidade das alternativas democráticas de poder que setores populares, diversos, estão tecendo.